

Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



Capítulo XV



~“**Obtenha**, Levante-se, agora mesmo!” exclamou a lavadeira, curvando-se sobre Lázaro e cutucando-

o na lateral com o dedo. "Levante-se, eu ordeno, Mestre Lázaro!" Lázaro despertou com um suspiro, agarrando a barriga e, sem perceber, segurando também a mão dela. Ela soltou a mão e o repreendeu: "Olha só para você — sujando sua camisa nova antes mesmo de sua audiência com meu Senhor!"

Lázaro sentou-se ereto e olhou para a barriga manchada de vinho. Imediatamente, agarrou a cabeça, fez uma careta e caiu de volta na cama. "Meu Deus; tudo gira em círculos." "Ah, não mesmo!" , rosnou a lavadeira. "Me dê essa camisa! Meu Senhor já vai chegar. Agora, levante-se daí!"

Lázaro gemeu e se levantou com dificuldade, encostando-se pesadamente na parede. Olhou em volta cautelosamente, como se quisesse ver o quarto pela primeira vez. Então esfregou os olhos e beliscou a ponte do nariz, comentando consigo mesmo que Frei Odino nunca lhe mencionara o lado perverso do vinho.

“Existe algum lado bom em qualquer maldade?” , reclamou a mulher, puxando Lázaro da parede e conduzindo-o até a mesa pela camisa. “Homem voador ou não, vocês são todos iguais — todos vocês.” Ela o girou e o deteve.

“Homens: limpem-nos, deem-lhes de beber e limpem-nos de novo”, ela resmungou, desabotoando a blusa dele. Mais uma vez, Lázaro estremeceu e levou a mão à cabeça quando ela lhe deu um tapa no braço. “Fique quieto; temos pouco tempo.”

Ele suspirou e se virou para inspecionar a mesa vazia, seu único candelabro novo e o cômodo agora transformado; notando para si mesmo que não havia um pingo de comida, bagunça ou líquido derramado ao seu redor. Ele olhou para o canto. “Onde está o rato?”

“Rato; que rato?”

“Estava ali mesmo, no canto da sala”, disse ele, apontando.

“Você ainda está bêbada.” Ela bufou e balançou a cabeça.

“O quê, da comida?”

“Foi-lhe tirada esta manhã — enquanto você roncava”, declarou ela, puxando o braço dele para fora da camisa. “E você deixou cair metade da comida do meu Senhor no chão. Deveria ter vergonha; comportando-se assim, depois da amável recepção que ele lhe concedeu.”

“Foi o vinho. Eu simplesmente não conseguia ficar de pé. Eu não sabia que—”

Ela o interrompeu, discursando: “Já ouvi muitas bobagens assim antes — *a culpa é do vinho, mas nunca sua.*” Ela tirou a blusa dele, abriu-a levemente e virou a camisa em vários ângulos para inspecionar sua coloração roxa.

Lázaro ajeitou as asas e coçou a cabeça. “Você diz isso, lorde D'Alcicourt... ele vem?”

“E sem rodeios”, ela rosou, virando-se e afastando-se dele. “Era para acontecer.”

“Mas, quando ele soube da sua condição deplorável, concedeu-lhe bastante tempo para se recompor — quase o dia todo já.” Ela franziu a testa e dobrou a camisa sobre o braço enquanto gritava para ele: “Não é comum um convidado o fazer esperar tanto tempo. Talvez você devesse se humilhar diante dele e culpar menos o vinho do que acha que ele merece.” A lavadeira bateu na porta e saiu discretamente.

Enquanto Lázaro circulava a mesa e se sentava no banco, a porta se abriu novamente. Três guardas corpulentos entraram na sala e se alinharam contra a parede. Em seguida, um jovem de cabelos escuros e barba rala passou pela porta e parou abruptamente, seus olhos verde-claros imediatamente fixos em Lázaro. Seu rosto poderia ter aparecido Quase juvenil, em nítido contraste com o resto de si; alto, bem constituído e com a estatura de um soldado experiente. Desabotoou a capa e a drapejou sobre o braço de um guarda. Em seguida, ajustou o colete de abotoamento duplo, sorriu e aproximou-se lentamente de Lázaro. “Lázaro Gogu, creio eu?” Ele assentiu. “Sou Lorde *Ceryce D'Alcicourt, Conde de Languenais*, e a mais antiga autoridade destas terras.” Contornou a mesa, ficando de frente para Lázaro. “Antecipei este momento convosco.” Apertou a mão de seu

Com as mãos no rosto, olhou para o torso nu de Lázaro com aparente prazer enquanto declarava: "Finalmente, nos encontramos."

Lázaro respondeu reverentemente com uma profunda e prolongada reverência. "Meu Senhor, a honra é minha."

"De fato, levante-se — não precisa", insistiu ele, alegremente.

Lázaro se levantou para avistar o nobre que se aproximava. Ouvia o tilintar de moedas soltas sob as vestes do homem. E viu seu colete se abrir brevemente, revelando o cabo de uma adaga embainhada.

D'Alcicourt suspirou e balançou a cabeça, acrescentando: "Devo apresentar minhas mais sinceras desculpas por... Os maus-tratos que você recebeu enquanto estava sob minha custódia. Dei ordens estritas para que Nenhum mal vos aconteça. Meus homens foram bravos — alguns deles morreram em vossa defesa. Se eu tivesse previsto uma reunião tão tumultuosa, teria enviado muito mais homens.

Lázaro baixou o olhar.

D'Alcicourt respirou fundo, deu um tapinha na mesa e sorriu. "Ainda bem que você está aqui, graças a Deus. E agora que está em segurança, posso garantir que meus exércitos e a autoridade divina da Santa Sé, especialmente desta província, estão à sua disposição, caso precise deles." Ele assentiu. "Então, espero que tenha gostado de tudo, sim — suas roupas, o banquete — e o vinho?"

"De fato", insistiu Lázaro; "nunca vi tanta comida em uma mesa tão grande — nem vestes tão finas. Perdoe-me por derramar o vinho, meu Senhor; perdi o equilíbrio. Foi totalmente inesperado."

O senhor o dispensou com um gesto de mão, tranquilizando-o: "Era de se esperar, considerando tudo o que você passou ultimamente. A blusa era muito clara para esconder uma mancha." Estalou os dedos. "Ah! Pode ter certeza de que minha criada está trazendo outra agora mesmo. Um tom bem mais escuro é o ideal — profundo como o crepúsculo, até." Suspirou e sorriu. "E já que você está agora entre blusas e parcialmente nu, talvez pudesse me mostrar as partes mais esplêndidas de si mesmo — suas asas, em especial, se me permite?" Fez um gesto para que ele se virasse. "Abra-as para mim."

Lázaro obedeceu, revelando brevemente todo o seu corpo antes de se virar, para se deparar com os olhares duros dos soldados e um brilho esverdeado nos olhos de D'Alcicourt. O homem bateu palmas uma vez e levou os dedos entrelaçados ao queixo. "Absolutamente impressionante; que asas magníficas você tem, Lázaro. Verdadeiramente maravilhoso você é." Ele gesticulou em direção aos bancos com mesa, aproximando-se também. "Agora, por favor, sente-se."

Quando Lázaro se sentou à mesa, o homem se inclinou para perto dele, abriu bem a boca e apenas murmurou: "Ahhh".

Lázaro obedeceu ao gesto grosseiro, abrindo bem a boca para D'Alcicourt.

O senhor deu uma risadinha e bateu com a mão na mesa. "E que dentes grandes você tem; verdadeiramente maravilhosos!" Ele agarrou o lóbulo da orelha enquanto se inclinava e olhava para a orelha de Lázaro. "E você deve ter um ouvido apurado, não é?"

"Sim, meu Senhor", admitiu Lázaro, sentindo-se um tanto desconfortável com o interesse demonstrado. seus traços pouco viris. Ele pigarreou. "Se não for incômodo, talvez possa compartilhar o motivo de me convocar?"

"E assim farei", declarou D'Alcicourt, deixando de lado seu entusiasmo inicial e adotando uma postura mais serena. "Convoquei-o na esperança de que pudesse me auxiliar em uma tarefa específica — uma questão perfeitamente adequada à sua capacidade, considerando o seu talento."

"Que tarefa é essa?"

O nobre respirou fundo e olhou para o tampo da mesa, ponderando brevemente antes de bater o dedo nela. "Talvez eu deva começar pelo começo, não é?"

"Se você quiser compartilhar", respondeu Lázaro com um sorriso e um aceno de cabeça.

"Muito bem, então. Meu irmão mais velho era Lorde Gildard D'Alcicourt, antigo Conde de Languenais. Seu castelo fica a muitas léguas a oeste daqui; contudo, ele já faleceu — desvaneceu-se — há muitas estações. Sua esposa faleceu pouco depois, durante o parto, não deixando nenhum herdeiro capaz de reinar — apenas o bebê sobreviveu. Gildard havia previsto essa possibilidade, entre outras desgraças, ao já ter preparado um plano final."

testamento, legal e vinculativo, para tratar exatamente de tal ocorrência. Nele, ele decretou o seguinte: se tivesse um filho incapaz de administrar seus bens, então eu assumiria a administração até que a criança estivesse plenamente capaz. Além disso, ele registrou o seguinte: se a criança fosse uma menina, eu a faria atingir a maioridade e a casaria com um dignitário adequado antes de liberar seus bens para ambos. Conforme declarado por escritura pública e registrada sob juramento; por toda a minha vida, sou obrigado a cumprir seu decreto, pelo qual, após minha morte, a menina herdará todos os seus bens — casada ou não. A menina é minha sobrinha, Endora D'Alcicourt, e mal tem idade para distinguir paixão de razão, ou o bem do mal. Acontece que, desde então, ela caiu em desgraça comigo e se tornou uma bruxa gananciosa e devassa, exigindo absurdamente que todas as antigas terras de meu pai lhe fossem entregues — as de Gildard e as minhas. Em suas artimanhas, ela tomou a mão de *Lorde Frederick Hugon, Conde de Borbonaise* — até um porco seria um pretendente melhor do que *Hugon, o Açougueiro Bêbado*. Mesmo assim, ela convenceu Hugon a contestar o decreto final de meu irmão e ele...

Hugon apresentou uma petição aos tribunais reais enquanto iniciava uma campanha de ataques, massacrando meu povo enquanto cultivavam as terras de Gildard.

Consequentemente, o magistrado real convocou um arcebispo da Sé para negociações. A Igreja pediu que ele respeitasse uma trégua até que a questão fosse resolvida. No entanto, Hugon quebrou a e sitiaram o castelo de Gildard, não poupando vidas — nem mesmo as das crianças — até mesmo

"As crianças !", exclamou D'Alcicourt, batendo com o punho na mesa.

Lázaro sobressaltou-se.

D'Alcicourt relaxou o punho e esfregou os olhos com dois dedos. "Perdoe minha indignação." Ele respirou fundo e continuou a falar sobre sua esposa e sua amada: "Lady D'Alcicourt". e seus três irmãos mais novos estavam no castelo de Gildard quando Hugon o sitiou. Seus homens os mataram e queimaram seus restos mortais junto com os corpos dos meus soldados e camponeses. Agora devo acreditar que Endora enviou suas condolências e garantiu que eles não estavam... no castelo quando Hugon atacou. No entanto, Lady D'Alcicourt e seus irmãos permanecem desaparecidos há duas semanas."

D'Alcicourt levantou-se abruptamente da mesa e caminhou em direção à parede antes de cruzar os braços e encostar as costas nas pedras. Acenou com a cabeça para Lázaro. "E, recentemente, recebi notícias de uma relação muito diferente entre Endora e Hugon. Meu informante me disse que Hugon mantém Endora cativa, separada dele, enquanto dorme na cama de Gildard. Disso, só posso concluir que ele poupa a vida dela simplesmente porque eu ainda não morri. E quando eu morrer — e então ela morrer — ele se levantará para protestar contra meu decreto final e tomar posse total de toda a província de meu pai . Conheço seu plano. Ele já se gabou para seus homens de que atacará meu castelo, não deixando ninguém vivo para contar o ocorrido."

Enquanto falo, o Açougueiro Bêbado levanta seu exército contra mim.

D'Alcicourt aproximou-se da mesa e sentou-se, olhando diretamente para Lázaro. "É aqui que você pode me prestar um grande serviço. Centenas de vidas — homens, mulheres e crianças — dependem de você, Lázaro. Como um cristão que voa, espero que você faça a sua parte para servir ao que é justo e reto em nome de Deus."

Lázaro se remexeu e se preparou. Engoliu em seco e assentiu com a cabeça.

D'Alcicourt dirigiu-se aos seus guardas: "Lembrem-se do juramento — juraram segredo; nada dirão sobre este momento." Os guardas assentiram e D'Alcicourt voltou-se para Lázaro. Inclinou-se sobre a mesa e passou o dedo sobre o tampo, como se traçasse um mapa invisível. "Após o anoitecer, preciso que voe até o castelo de Gildard e entre pela janela central da torre sul, que dá para uma escadaria em espiral que leva ao corredor superior. O corredor conduz diretamente aos aposentos principais do castelo. À esquerda, fica o quarto de Hugon ; à direita, o de Endora . Como prisioneira de Hugon, a porta de Endora está trancada por fora; e nenhum guarda tem permissão para entrar no corredor."

Lázaro afastou-se bruscamente, balançou a cabeça e suspirou pesadamente.

D'Alcicourt acenou com a mão, tentando acalmá-lo: "Não, não, não se preocupe! Ouça-me; ninguém o descobrirá ! Hugon posiciona seus guardas internos apenas na base da escadaria e eles não irão encontrá-lo."

Espere entrar pela janela mais alta. Além disso, você entrará voando pela parte de trás do castelo, que se estende por um penhasco íngreme, não necessitando de guardas. Seu exército guarda a frente e os flancos do castelo; e seus olhos cobrirão o terreno, não o céu. Você poderá entrar e sair voando, sem que ninguém perceba ou mencione sua presença.” D'Alcicourt se afastou da mesa, estendeu as mãos abertas para Lázaro e sorriu. “Vê? É uma tarefa simples demais para um homem que pode voar por metade de uma noite sem descanso. O Senhor realmente abençoou meu povo com sua presença inesperada, Lázaro. Por você, eles serão eternamente gratos.”

“Meu senhor”, disse Lázaro, pigarreando, “talvez o senhor esteja enganado quanto às minhas habilidades. Posso voar metade de uma noite sem descanso; no entanto, não consigo carregar outra metade em pleno voo — isso está além das minhas capacidades.”

“Não espero que carregue ninguém, para lugar nenhum.” D'Alcicourt desembainhou seu punhal e o cravou na mesa. “Este fardo é pesado demais?”

Lázaro estreitou os olhos para a lâmina de cabo negro. “Então, você não me pede para salvar Endora, presumo?”

Ele ergueu os olhos e viu D'Alcicourt balançando a cabeça e dizendo: “Ela não cabe a você salvar, Lázaro. Somente a Graça do Senhor Todo-Poderoso pode realizar tal feito.” Inclinou-se para a frente e bateu com o dedo no cabo da faca que estava em pé. “Isto é tudo o que você precisa carregar — é leve como uma pena e afiada como o olho de um falcão. Leve-a.”

“Meu Senhor, não preciso disso”, retrucou Lázaro.

“Não; não se pode confiar apenas na força. Hugon é um homem grande. Agora, você o levará consigo, sem deixar nada ao acaso.” D'Alcicourt apontou o dedo para Lázaro e piscou. “Ele é grande; mais uma vez, não se preocupe. Como em todas as noites, ele estará bêbado e dormindo sozinho. Não acordará com passos suaves. Portanto, seja rápida e eficiente; e certifique-se de que ele não respire mais. Deixe a adaga com ele para que seus homens o encontrem morto pela minha própria lâmina. Então você deve partir da mesma janela da torre e voar de volta para mim. Eu aguardarei seu retorno em segurança.”

Lázaro balançou a cabeça. “No entanto, meu senhor, eu vi seu exército do lado de fora do castelo. Era grandioso.” Como Lorde Hugon pode derrotar um número tão grande de inimigos se você os posicionar na defesa do seu castelo? Talvez, se fizerem isso, nenhum sangue será derramado.

D'Alcicourt balançou a cabeça. “Não era meu exército que estava reunido nos portões, mas sim uma turba indisciplinada e indesejada. Quando a notícia se espalhou pela província, vieram atrás de você. Na verdade, minhas fileiras leais diminuíram consideravelmente e, em sua maioria, permanecem dentro do castelo. E, ao contrário de mim, Hugon lidera um exército considerável — talvez até maior do que a turba que você viu. No total, tenho pouca defesa caso ele ataque.” A aldeia, fora do castelo, será a primeira a cair. Como é seu costume, ele poupará os demais.

"Sem vidas."

Lázaro examinou a mesa, ponderando as opções. "Então talvez você possa conduzir seus aldeões e soldados para longe do perigo — como Moisés fez com seu povo; e nenhum sangue será derramado —"

"Não, Lázaro", interrompeu ele, "eu não sou Moisés; e esta não é uma terra distante de tempos antigos. Sou um vassalo e servo do rei — um mero senhor — e estas são as minhas terras e o meu povo. Não temos para onde ir. Nascermos nesta terra; trabalhamos esta terra; e seremos sepultados à sombra dos nossos antepassados — este é o nosso lar. Se eu ordenar ao meu povo que abandone tudo o que lhes é caro e permitir que Hugon queime as suas casas e profane os túmulos dos seus pais, irmãos e filhos, que morreram pelas suas mãos, então eles se voltarão contra mim — aldeões e soldados, todos iguais. E eu não os culparia por isso."

Ele olhou através das paredes, ponderando que recurso lhe restava. "Meu Senhor, se o senhor tem tão poucas pessoas, por que exige a mesma quantidade de terra de quando tinha muitas? Talvez pudesse fazer as pazes com ele oferecendo-lhe uma porção de terra que já não precisa. E talvez pudesse enviar o bispo para negociar o acordo e libertar Endora. E sem derramamento de sangue—"

"Ninguém pode negociar com Hugon. Ele deseja todas as minhas terras — e a minha cabeça — e não aceitará nada menos; ele está além da razão. Além disso, o bispo fugiu, deixando-me apenas com um homem alado e uma adaga."

"Fugiu? Por que Sua Eminência fugiu?"

D'Alcicourt recuperou o fôlego e deu um sorriso conciso. Revirou os olhos, entrelaçou os dedos e explicou, quase a contragosto: "Bem, porque eu insisti para que ele arranjasse outro tipo de acordo: um que envolvesse uma espécie de inquérito informal, que eu imaginei que pudesse servir para dissipar as crescentes suspeitas e acalmar as preocupações do meu povo." D'Alcicourt olhou severamente para os soldados encostados na parede, que assentiram com um olhar de sinceridade.

Lázaro perguntou: "A inquisição era sobre mim — com Sua Eminência e o escriba, sim?"

D'Alcicourt assentiu com a cabeça. "Para o meu povo, precisei que um representante da Igreja proclamasse que você *não* é o Diabo, mas um mero homem voador." Ele pigarreou ruidosamente. "Durante sua longa estadia no castelo, sob constante vigilância para sua segurança, é claro, ele encontrou tempo para reunir informações sobre nossa delicada situação. A causa agora está clara, não é?"

Lázaro desviou o olhar.

D'Alcicourt prosseguiu: "Mesmo assim, ele fugiu para Avignon com suas preocupações." Deu de ombros. "Eu não tinha outra alternativa. Não podia deixar que ele ordenasse que você fosse queimado na fogueira."

Lázaro fez uma careta. "Sua Eminência queria me queimar? No entanto, ele me considerava um homem voador. Só o escriba disse o contrário."

"Não importa; eles não te incomodarão mais. Você está sob minha proteção; e meu povo agora está tranquilo com um mero cristão voador em seu meio." Ele se virou para os guardas, que estavam encostados na parede, perguntaram-lhes: "Isso não é verdade?" Responderam em uníssono: "Sim, meu Senhor."

"Mas você acha que eu sou um demônio?", perguntou Lázaro.

"O que importa", respondeu ele com um rápido movimento de pescoço, "é apenas que você esteja em segurança."

"Se me permite, meu Senhor; isso me importa."

D'Alcicourt suspirou e balançou a cabeça. "Muito bem; confesso que, no início, quando um dos meus soldados me informou sobre sua captura, acreditei que você pudesse—hum, que talvez você pudesse ter sido... o Diabo, capturado." Ele deu de ombros. "Sua lembrança A descrição que ele fez de você foi, no mínimo, bastante pitoresca; segundo ele, você era uma cabeça mais alto que o mais alto dos meus homens, tinha asas monstruosas de dragão e mostrava dentes tão grandes que devorariam até uma vaca. Meras palavras sem valor, eram elas; tagarelice, como aprendi depois com sua breve estadia." Ele estendeu a mão em sinal de apresentação para Lázaro e deu uma risadinha. "Olhe para você. Você não é o Diabo — nem nenhum Diabo, aliás — apenas um homem voador."

Lázaro inclinou a cabeça. "Mas, se vocês me consideravam o Diabo, por que me deixaram entrar em sua casa?"

Eles se olharam nos olhos.

D'Alcicourt levantou-se abruptamente, juntou as mãos atrás das costas e começou a andar de um lado para o outro enquanto continuava... com um olhar fixo em Lázaro. Então, abruptamente, parou e girou nos calcanhares para ficar de frente para Lázaro, dizendo: "Sim; e por que um homem temente a Deus como eu convidaria tudo o que é profano, como o "O próprio diabo, em sua própria casa?" Ele sorriu, encostou-se frouxamente na parede e elogiou Lázaro: "Você é bastante versado na disciplina do diálogo e não deixa espaço para conversa fiada. Parece-me que você supera até mesmo o bispo em discurso e discórdia." Respirou fundo e assumiu uma postura mais séria. "No entanto, não foi uma decisão tão difícil para mim, já que não me restou outra alternativa senão insistir em uma audiência." com você. Se você fosse o Diabo, como meus soldados afirmaram, então eu imaginei que você estaria bastante disposto a me oferecer algum tipo de pacto e talvez me fornecer opções que eu não teria antes."

Lázaro o questionou, com crescente apreensão na voz: "Que tipo... hum... se me permite... que tipo de pacto?"

"Certamente, um acordo que salvaria a vida do meu povo — em troca da minha própria, é claro", admitiu D'Alcicourt, retomando seu lugar em frente a Lazarus.

Lázaro pigarreou e declarou solenemente: "Talvez o Diabo leve mais do que a sua vida, meu Senhor. E a sua alma?"

O homem assentiu. "Sim; minha alma, em troca de derrotar Hugon e proteger para sempre minhas terras e meu povo de carniceiros como ele." Ele juntou as mãos diante de si. E sorriu, dizendo com alegria: "Contudo, pela graça de Deus, o pacto não se concretizou, pois você não é o Diabo, mas simplesmente um cristão alado que pode salvar meus irmãos cristãos da vil expansão de Hugon!" Ele ergueu os punhos para o teto e exclamou alegremente: "Em nome de Cristo, minhas orações foram atendidas por Sua dádiva divina, um homem voador que pode nos livrar do Diabo, que é Hugon, e proteger meu povo de sua crescente maldade! Verdadeiramente, o Senhor age de maneiras maravilhosas." Ele se voltou para seus soldados. "Não age?"

"Sim, meu Senhor", responderam eles, reverentemente.

Lázaro cerrou os dentes e fechou os olhos por um instante, ponderando o momento. "No entanto, você insiste que eu tire a vida de outro homem ."

D'Alcicourt franziu os lábios e assentiu. "Apesar das boas e piedosas intenções..."

"Considerando tal empreitada, imaginei que você pudesse ter reservas." Ele enfiou a mão no colete e tirou uma bolsa tilintante. "Também estou preparado para lhe oferecer uma generosa compensação." Sacudiu a bolsa. "Trinta e três moedas de ouro genovês devem dissipar tais preocupações, não é?" Afrouxou as alças da bolsa e despejou as pesadas moedas de ouro sobre a mesa entre elas, acrescentando: "A maioria dos homens nunca ganha tanto em toda a vida; contudo, tudo será seu quando retornar em segurança. Sou um homem de honra e minha palavra é verdadeira." Sorriu e inclinou-se para Lázaro, perguntando: "Então, o que me diz de um salário de uma vida inteira por apenas uma noite de trabalho?" D'Alcicourt ergueu as sobrancelhas e aguardou a resposta de Lázaro .

Lázaro lançou um olhar cauteloso entre a adaga virada para baixo, com a ponta cravada no tampo da mesa, e o monte de ouro parcialmente brilhante, que jazia na longa sombra da faca. Balançou a cabeça e desviou o olhar. "Nem tudo pode ser negociado, meu senhor." Ele olhou para trás e ergueu as mãos, aparentemente confuso. "Você disse que estava disposto a oferecer sua alma, quando ela não lhe pertence; e agora insiste que eu tire a vida de um homem, quando ela não me pertence." Ele deixou as mãos caírem no colo e suspirou. "Perdoe-me, meu Senhor; em sã consciência, não posso fazer o que me pede ."

O rosto de D'Alcicourt se fechou. Ele cerrou os dentes enquanto guardava as moedas na bolsa. Apertou as alças, deslizou a bolsa para debaixo do colete e entrelaçou os dedos sobre a mesa.

E olhou profundamente no rosto de Lázaro . Então, quebrando o breve silêncio, perguntou-lhe: "Lázaro, já ouviste a história dos três profetas e da serpente?" "Não", admitiu Lázaro.

"Então preciso lhe contar", afirmou, acomodando-se melhor em seu assento. Olhou por cima do ombro de Lázaro como se contemplasse uma grande distância. "Aconteceu assim— "

"Havia três irmãos que tinham o dom de serem profetas de Deus. O mais velho era cego, mas tinha uma audição aguçada; ele conseguia ouvir qualquer forma de maldade a grandes distâncias. O irmão do meio tinha uma visão excepcional; ele conseguia ver qualquer possibilidade e mudar o curso do destino por causa disso. E o irmão mais novo era um homem de poucas palavras, mas que tinha uma língua extraordinária, a ponto de poder falar com os anjos."

Certa manhã, os dois irmãos mais velhos prepararam um belo banquete e; desde então, O mais novo morava separado deles, então partiram para buscar o irmão. uma aldeia próxima. Enquanto caminhavam pela única trilha entre as duas aldeias, o irmão cego parou e deu um aviso, dizendo: 'Ouço a presença do mal no topo da próxima colina — é uma serpente à espreita, pronta para aguardar.'

O irmão do meio olhou ao redor e respondeu: 'Sim, é isso mesmo.'
No entanto, vejo um caminho sinuoso pela floresta — um caminho que nos levará em segurança à aldeia do nosso irmão.
O mais velho queixou-se: "Não conheço a vasta floresta como conheço o caminho estreito e reto. Talvez devêssemos seguir em frente e matar a serpente antes que ela ataque." Preocupado com a cobra, acrescentou: "No entanto, como sou cego, esperarei aqui enquanto vocês a matam."
Com medo da serpente, o outro respondeu: "Talvez não devêssemos matar uma das criaturas de Deus, já que Ele nos abençoou com sentidos aguçados para evitá-la? E, como você é cego, ela pode te atacar enquanto eu tento." Concordaram um com o outro, encontrando um bom motivo para evitar a serpente completamente; e entraram na mata, a caminho da aldeia.

Naquela noite, os três irmãos voltavam pelo caminho da aldeia, completamente eufóricos, falando sobre a festa que se aproximava, alheios ao que os aguardava. Imediatamente, a serpente saltou e atacou o calcanhar do mais novo. Os dois irmãos mais velhos correram para protegê-lo e cuidaram dele debaixo de uma figueira. Depois disso, cada um acusou o outro pelo infortúnio do irmão mais novo.

O irmão do meio repreendeu o mais velho: "Você sabia que a serpente estava no caminho, mas, quando voltávamos, você não a ouviu! Agora, nosso irmão está ferido!"

O irmão mais velho repreendeu o do meio, dizendo: 'E você sabia que a serpente...' também estava no caminho, já que você se recusou a matá-lo quando eu pedi isso. De você! Agora, nosso querido irmão está à beira da morte!'

Então, o mais novo gritou em línguas estranhas e silenciou os homens com tanto medo que eles ficaram sem palavras. Ele lhes disse que um anjo lhe havia falado, dizendo: "Era Deus, Ele colocou a serpente no caminho para saber quem é digno de trilhar o caminho. E, visto que abençoou os seus irmãos com uma bênção, Deus os abençoou com a graça de Deus. Eles tinham um apurado senso para reconhecer o Mal, contudo não demonstraram urgência ou dever em eliminá-lo; Ele declarou, doravante, que a serpente se tornaria como um dragão sob os pés, atacando os calcanhares de cada aldeão, até ser morto.'

Ao ouvirem isso, os dois irmãos levantaram-se de um salto e bateram na vegetação rasteira, perseguindo a serpente pelo caminho até finalmente a matarem . E, como testemunho, trouxeram o cadáver de volta à figueira, apenas para descobrirem que seu irmão estava morto.

Com os cotovelos agora apoiados na mesa e os dedos ainda entrelaçados, D'Alcicourt estudou atentamente o rosto de Lázaro enquanto explicava: “Assim como aconteceu com os três irmãos, a negligência deles em matar o mal tornou-se o próprio mal que matou o irmão deles. E assim como a serpente vive apenas para atacar e tomar de todo homem bom; Da mesma forma, Hugon faz o mesmo.” Ele deu um tapinha leve na mesa. “Ouça-me, Lázaro; só você pode se aproximar da serpente e matá-la. Se você se recusar, centenas de homens, mulheres e crianças boas perecerão. E Hugon continuará matando até o fim de seus dias. Como um homem de Deus que voa e um servo em Seu Bom Exército, você deve reconhecer sua Dom extraordinário e dever supremo salvar Seu povo do mal. Vocês me compreendem? É o seu dever divino, neste dia.

Lázaro bufou e se afastou quando D'Alcicourt abruptamente tentou acalmá-lo . "Não, ouça-me bem, Lázaro. Mate este demônio, Hugon, e eu o nomearei meu governador pessoal do castelo e das terras de Gildard, fornecendo-lhe um exército considerável para governar a região. A partir de agora, você não precisará de nada pelo resto da vida. Tudo isso eu lhe darei por algo que você pode facilmente realizar em tão pouco tempo. Minha palavra é válida enquanto ambos vivermos, enquanto você me servir."

“No entanto, você me pede para matar” , interrompeu Lázaro, ainda olhando para a adaga. “Talvez haja

"Outra forma — um acordo justo e adequado entre vocês dois?" Ele se inclinou para a frente, insistindo: "Não posso tirar a vida deste homem, Lorde D'Alcicourt — simplesmente não posso." O nobre bateu com o punho na mesa. A faca caiu de lado. "Pelo amor de Deus!" Ele se levantou. "Você não tem nenhum senso de dever ou compaixão por seus semelhantes cristãos?"

Lázaro baixou o olhar em humilde resposta: "Se for da vossa vontade, meu Senhor, nos mandamentos dados por Moisés, é um pecado grave tirar a vida de outro homem. É..." Também está escrito: Não temas aqueles que podem matar o corpo, mas não a alma. Teme apenas aquilo que pode destruir ambos. Como posso demonstrar dever ou compaixão pelo meu semelhante e matá-lo? No mesmo sentido? Como posso servir a Deus e negar o seu domínio no mesmo sentido?"

D'Alcicourt virou-se para seus guardas, ergueu os braços e os deixou cair. Olhou para eles, claramente estupefato. "Que sinal é este? Que por acaso estou amaldiçoado?" Apertou a mão em sinal de rendição a Lázaro enquanto se queixava: "Ele está bem aqui, no meu próprio castelo, a própria resposta para ele. Este único par de asas pode deter o demônio Hugon, quando todo o meu exército não consegue. Como pude ter a sorte de encontrar um homem voador, apenas para descobrir que o zelo de sua fé o torna inútil diante do Mal?" Olhou para o teto. "Meu Deus, perdi tantas pessoas boas até agora!"

"Será que isto é uma provação de Jó?", questionou ele aos seus soldados, incrédulo. "Pode haver presságio pior para um povo do que este?"

Os soldados baixaram o olhar.

D'Alcicourt bateu com as palmas das mãos na mesa e inclinou-se para Lazarus, resmungando: "Muito bem, então. Por sua causa, já perdi muitos soldados competentes, muita comida e suprimentos, e um tempo precioso. E com o ataque iminente de Hugon, eu não poderia me dar ao luxo de perder nenhum deles!"

D'Alcicourt prosseguiu calmamente: "Contudo, como essas perdas decorrem das minhas próprias decisões, não me resta outra alternativa senão aceitá-las. Afinal, não posso, com razão, julgar sua boa-fé em desprezo à minha própria vontade; porém, essa decisão certamente recairá sobre sua cabeça, pois traz morte certa e terrível a centenas de cristãos, a maioria mulheres, crianças e idosos." Então, apontou o dedo acusador para Lázaro. "E que a História se lembre para sempre de que um único e egoísta homem voador — Lázaro Gogu — os matou a todos com sua poderosa espada da justiça própria!" Pegou o punhal da mesa e o embainhou, acrescentando, com um olhar de desprezo: "Uma espada de tal extensão — de tal calibre — que nem precisa ser brandida para matar milhares!" Virou-se e caminhou a passos largos em direção à porta, gritando do lado de fora: "Guardas!"

Subitamente, a porta se abriu quando Lorde D'Alcicourt e seus soldados saíram da sala, deixando Lázaro a ponderar sobre as possíveis obrigações e expectativas subsequentes, que

poderia acompanhar qualquer homem voador cristão prescrito.

~*~

Para além das muralhas do castelo, o manto da noite flutuava vindo do leste; e o sol poente lançava seus últimos raios, marcando mais uma noite desde a captura de Lázaro. No céu, as primeiras estrelas do crepúsculo rasgavam as nuvens tênues e seu manto carmesim. ao pôr do sol. E sobre a terra de longas sombras e vales adormecidos — a oeste do castelo de D'Alcicourt e a menos de uma légua através de campos escuros e florestas densas — um exército pronto de talvez três mil cavaleiros e soldados de infantaria se alinhou em O leito rochoso de uma ravina sinuosa. No topo da coluna de pedras, um grande cavaleiro estava sentado em sua sela. Com a viseira do capacete levantada, ele ajustava as peças da armadura sobre os punhos e antebraços — era Hugon de Borbonaise. Dois cavaleiros montados o acompanhavam.

À esquerda de Hugon, um cavaleiro apontou para o desfiladeiro e para uma curva. "Meu senhor, ele retorna."

Hugon voltou sua atenção para um batedor que se aproximava, guiando seu cavalo por um barranco íngreme até nivelar-se no fundo do desfiladeiro. Então, ele disparou em galope enquanto Hugon se perguntava em voz alta: "E o Diabo de D'Alcicourt não matou o rapaz?". Ele lançou um olhar estreito entre seus dois cavaleiros. "É um bom presságio, ou um grande mal, bem disfarçado." Observou o batedor que avançava apressadamente e informou seus homens: "Ele carrega algo consigo; estejam preparados." Os dois soldados empunharam suas espadas e observaram a aproximação do jovem. O batedor segurava um embrulho de pano em uma das mãos, pressionando-o firmemente contra as costelas.

O soldado à direita de Hugon perguntou: "Talvez ele esteja ferido?"

Hugon balançou a cabeça. "Ele está sentado muito ereto para ter um ferimento desses; e seu cavalo é forte." Estejam preparados para artimanhas, ou para o véu do próprio Diabo." Conforme o batedor avançava, os dois cavaleiros baixaram suas viseiras e desembainharam suas espadas. Hugon permaneceu sentado, impassível. O batedor diminuiu o passo, seu cavalo ofegando.

Hugon reconheceu o atraso. "O castelo não fica no Reino da Inglaterra, rapaz." "Perdoe-me, meu senhor", disse o batedor ofegante. "O servo era idoso e chegou tarde. Foi uma longa caminhada do castelo até a linha da mata para ele." "Então diga logo; o que diz o criado?"

O batedor aproximou seu cavalo de Hugon, inclinou-se para a frente, recuperou o fôlego e sussurrou: "Seu astrólogo fala a verdade sobre suas visões, meu senhor. De fato, Lorde D'Alcicourt capturou um demônio alado. Ele o mantém sob forte vigilância, em uma das celas do corredor inferior, recebendo-o como um hóspede ilustre. Além disso, o Bispo também..."

Emitiu um decreto formal, por autoridade da Santa Sé, declarando-o um homem voador cristão; contudo, o bispo desapareceu desde então. O servo também deu a sua palavra, dizendo: que se atacarem o castelo cedo o suficiente, as defesas do lorde D'Alcicourt não estarão preparadas." O rapaz assentiu. "Acredito que ele esteja falando a verdade, meu lorde. Não vi o castelo sob forte guarda. Além disso, os camponeses permanecem na aldeia e não demonstram nenhuma preocupação." E não vi nenhuma patrulha ao longo da linha da mata ou além dela — nada, exceto uma lebre na floresta."

Hugon acenou com a cabeça na direção do pacote na mão do escoteiro. "Então você capturou uma lebre para mim?"

"Oh! Não, meu senhor", respondeu o batedor, entregando o pacote a Hugon. "Não parei por nada. É um presente do servo, que acolhe com satisfação a sua chegada. É um sinal de sua gratidão e lealdade. Ele fez questão de incluir bastante para você e outros; e disse que preparou um banquete para você e seus homens."

Hugon pesou o pacote em sua mão antes de desdobrar o pano, revelando camadas de carne de porco fatiada. Ele cheirou a carne e assentiu com a cabeça antes de perguntar ao escoteiro: "Uma bela refeição." Antes da batalha; o que você acha?"

"Oh, sim, meu senhor; uma bela peça, pelo que entendi", reconheceu o jovem com um sorriso, "e preparada na própria cozinha do seu inimigo." Ele olhou para os dois cavaleiros de Hugon em busca de sinais de riso compartilhado, mas encontrou apenas olhares severos. Eles desembainharam suas espadas.

Hugon respondeu ao menino: "Exatamente como você disse — comida do meu inimigo." Ele dobrou o pano novamente e jogou o pacote de volta para ele. "Então, fique à vontade."

O menino engoliu em seco. "Meu Senhor?"

"Você conhece esse bom servo melhor do que qualquer outro aqui, pois o viu, conversou com ele e olhou-o nos olhos. Não o achou de boa fé?"

"Sim, mas ele me disse que o presente era especificamente para você — que eu não comeria carne durante a viagem."

"No entanto, você ainda não está a caminho, pois agora está aqui comigo. E ele disse que havia o suficiente para os outros, sim?"

"Sim, meu Senhor."

"Então eu lhes ofereço carne e uma barriga cheia antes da batalha. Comam!"

O cavaleiro à direita de Hugon queixou-se: "Ele é apenas um menino, meu senhor. Obedeceu a todas as suas ordens."

O soldado à esquerda de Hugon rebateu o outro: "Se ele obedecesse a todas as ordens de meu Senhor, então o rapaz estaria agora mastigando a carne, não é?"

"Com certeza", concordou Hugon. "Aproveite a carne, rapaz! Coma até se fartar."

O cavaleiro à sua direita revirou os olhos e se virou; enquanto o cavaleiro à esquerda ria e estalava os lábios para o escoteiro. O jovem abriu o pano e devorou o

oferta.

Hugon virou-se para olhar por cima do ombro ao notar o brilho final do pôr do sol. “Com Cristo, Sua Santidade, e meu bom astrólogo, com seu Prato Lunar, o Destino está conosco.” Ele voltou-se para seus cavaleiros. “E quando as terras de D'Alcicourt estiverem unidas sob meu estandarte, ambas as regiões se tornarão uma única grande província, servindo apenas à Vontade de Deus como uma força pronta e inabalável na defesa da França por Sua Majestade .” Hugon conduziu seu cavalo em direção ao pôr do sol, inspecionou seu exército e deu ordens ao cavaleiro. À sua direita. “Quero que se certifique de que os carros de munição estejam seguros para um avanço rápido. Espero que seus homens posicionem a linha de carros de cerco antes que os arqueiros de D'Alcicourt estejam no topo das muralhas. Ao mesmo tempo, você deverá posicionar os aríetes.” Então, ele ordenou ao cavaleiro à sua esquerda: “E tu ordenarás que os teus homens limpem a aldeia e conduzam os camponeses em direção ao castelo, mantendo-os ao alcance dos arqueiros de D'Alcicourt , enquanto uma parte dos teus soldados mais fortes reforça o aríete nos portões. Agora, informa as fileiras que avançamos.”

Depois que os dois capitães de Hugon fugiram de seu lado, ele virou seu cavalo e observou o batedor, que se esforçava para comer um pedaço de carne. Ele estalou os dedos e acenou, e O jovem atendeu ao gesto, dobrando novamente o pano e entregando o pacote. Hugon guardou o embrulho na bolsa de sua sela e dispensou o soldado. "Junte-se às fileiras, rapaz."

O batedor puxou as rédeas e esporeou o cavalo, fazendo-o partir.

Agora sozinho, mas com um exército atrás de si, Hugon olhou para o céu escuro do leste e murmurou para si mesmo: “As más ações não ficam impunes, D'Alcicourt. Você pode ter o Diabo entre vocês; contudo, eu terei a sua cabeça; assim como Deus terá a sua alma.” Ele se inclinou sobre o lado de seu cavalo, limpou as narinas e se acomodou novamente na sela. Assim, entre as paredes cobertas de raízes de um leito de rio seco, o exército do senhor Hugon se preparava para avançar. Animais bufavam e soldados gritavam ordens, enquanto o ruído ininterrupto e estridente de armaduras e armas acompanhava o zumbido constante dos insetos da noite.

~*~

Como uma aranha que tece sobre sua presa noturna, o Tempo enrolou os céus moribundos em um casulo de escuridão, apenas para desdobrar os céus transmutados no esplendor de mais uma aurora. Com o nascer do sol vermelho, ele dissipou todas as sombras longas e persistentes, suavizando os ângulos agudos das muralhas pouco defendidas do castelo de D'Alcicourt . E nas entranhas do

Fortaleza de pedra, selada por trás de uma porta rudimentar, Lázaro permaneceu como seu hóspede ilustre e prisioneiro vigiado.

Eljo caminhou até o canto da sala onde se lembrava do rato morto. Agachou-se, passou o dedo pelas lajes e cheirou-as, descobrindo apenas tênues vestígios de poeira e vinho. Perplexo, levantou-se e procurou nos outros cantos da sala, imaginando que talvez tivesse visto a carcaça em algum outro lugar sem perceber; contudo, estavam igualmente vazios. Cerrou os dentes e refletiu sobre a estranha lembrança. Por si só, a ideia de um rato morto não lhe causava grande preocupação. O que realmente perturbava Lázaro era perceber, pela primeira vez, que sua percepção da realidade, baseada em lembranças, estava agora em desacordo com a Verdade. Em todos os seus dias nas catacumbas da Abadia, ele sempre percebera e sentira as coisas como elas eram. Se ouvia um ruído, o som era real e tinha origens distintas. Se via um movimento com o canto do olho, havia realmente uma variação de luz e sombra que criava a imagem do movimento. Se ele pressentia a presença do Bem ou do Mal, havia sempre um artigo próximo ou uma revelação subsequente que justificava a sensação. E como suas lembranças nunca o haviam decepcionado, reforçadas com ousadia por sua capacidade de reter cada de cada tomo, de um scriptorium inteiro—”

Ele suspirou pesadamente e caminhou em direção à mesa, descartou o mistério do rato morto e jogou o cabelo para trás.

Ele aguçou os ouvidos em direção à porta rústica, ouvindo novos ruídos do lado de fora. Por fim, sons O som da tranca metálica da porta precedeu a entrada da mesma lavadeira, agora com um pano preto drapeado sobre o braço.

Lázaro sorriu, mas ela não retribuiu o sorriso acolhedor. Em vez disso, desdobrou o pano e o ergueu para lhe apresentar uma camisa preta, feita sob medida para ele. "Para quê? Esta lhe servirá melhor." Ela o encarou com desdém, acrescentando: "A

"A camisa branca está manchada de vinho." Ela deu um passo à frente, ergueu a camisa no ar e a abriu para ele. "Vamos?"

"Ah, sim", respondeu Lázaro, recuando para dentro da camisa enquanto ela o vestia. Ele sugeriu: "Talvez eu possa esfregar a outra camisa — já limpei muitas vestes manchadas de vinho".

"E de que cor eram essas vestes?", perguntou ela, com um sorriso presunçoso.

"Tons de marrom; em sua maioria, eram."

"Exatamente; eles não eram brancos. O branco é implacável. Agora você pode vestir preto — da cabeça aos pés — para que não seja mais perturbado pelas manchas corruptíveis do vinho ou do vício, da desajeitada ou de outras devassidões que o sujam." Ela ajustou a camisa firmemente em suas asas, girou-o e ocupou-se em abotoar sua blusa. Não ofereceu mais nada em troca e manteve os olhos fixos em suas mãos. Lázaro observou seus lábios repetidamente.

apertando cada novo botão, como as pessoas tendem a fazer quando seus dedos se tornam menos ágeis com a idade.

Lázaro, com semblante sombrio, desviou o olhar. "Por favor, perdoe minha tolice; não tive a intenção de manchar a camisa."

"Ah, não é a mancha", comentou ela apressadamente. "Não é nada."

"Então, o que te aflige?"

"Nada, eu digo. E você não deveria se preocupar com uma viúva velha e tola como eu. Agora, me dê seu braço."

Lázaro estendeu o braço enquanto ela ajeitava a manga da camisa dele. Ele perguntou: "Por favor, diga-me, se puder; como eu a ofendi? Posso consertar isso?"

A mulher riu zombeteiramente e revirou os olhos, movendo-se apenas para ajeitar a outra manga da camisa dele.

Lázaro colocou delicadamente uma mão sobre a dela e imobilizou seus dedos. Por um instante, quando eles Com os olhos fixos nele, Lázaro viu a dor em seu olhar. De repente, ela puxou as mãos, deu um passo para trás e cruzou os braços. "Você não tem esse direito, Mestre Lázaro."

Lázaro declarou: "Não entendo. Se não foi a camisa, o que foi que eu fiz?"

Ela balançou a cabeça e estreitou os olhos para ele. "Você não fez nada; e tudo está como deveria estar para você. Certamente não me cabe intrometer em seus assuntos."

Ela estendeu brevemente a mão sobre ele, continuando: "Você tomou um banho de nobre, participou de um banquete de rei; e agora veste as melhores roupas. Além disso, você é educado em todos os aspectos e possui convicções profundas sobre o que acredita ser certo e errado — uma qualidade que, sem dúvida, lhe será muito útil. Mais ainda, você goza de excelente saúde e deve viver uma vida longa e repleta de acontecimentos — sem estar preso a nada, a não ser a si mesmo e a Deus. E com todos os seus méritos e bênçãos, você agora tem a boa fortuna de saber que meu Senhor pretende libertá-lo, para que você possa voar para longe daqui e esquecer este lugar conturbado."

Lázaro imediatamente se iluminou de alegria. "Ele concordou em me libertar?"

Ela assentiu com a cabeça, dizendo solenemente: "Isso ele tem. Meu Senhor é um homem de bom coração e bondade, mesmo com aqueles que possam não possuir as mesmas virtudes."

Lázaro perdeu o sorriso. "Eu só queria ... o que ele me pediu... talvez você não saiba..."

"Eu sei de tudo, Mestre Lázaro — até mais do que você imagina."

"Oh?"

Ela bufou, colocou as mãos na cintura e virou a cabeça enfaticamente enquanto falava.

"Sim, eu trabalho. Fui camareira pessoal do Mestre D'Alcicourt e de sua família."

Crianças, na maior parte dos meus dias. Eu sei de tudo o que acontece, mesmo enquanto ocorre. Sendo assim, sei que ele lhe concedeu uma cortesia incomparável a qualquer outro convidado ilustre que já tenha recebido em sua casa. Sei disso, até mesmo nas botas. As roupas que você usa nos pés pertenciam ao pai dele; e a blusa que você veste agora também pertence a ele. E eu sei que, mesmo com a comida escassa, ele insistiu que você desfrutasse de um banquete que ele nunca ofereceu para si mesmo — um banquete certamente digno de ninguém menos que Sua Majestade, o Rei da França. E hoje, eu sei, quando implorei por uma audiência com ele, insistindo para que abrisse as portas dos aposentos, que você não nos salvará de Hugon, por causa de suas próprias convicções.”

Ele abriu a boca para falar, mas ela o interrompeu: "Mestre Lázaro, vi hoje algo que só vi uma vez em todos os meus anos: a inesquecível expressão de dor que vi no dia em que meu senhor soube que sua amada Lady D'Alcicourt e seus irmãos foram massacrados pelas mãos de Hugon no castelo de Gildard . Gostaria de saber o que eu vi, Mestre Lázaro?"

Lázaro começou: “O que você—”

“Eu o abracei enquanto ele chorava — chorava”, ela cuspiu as palavras, “como uma criancinha!” Seus olhos se encheram de lágrimas; contudo, ela se conteve e continuou: “Mas veja bem, ele não chorou por si mesmo. Não, não — eu conheço o coração dele. Ele chorou por nós — por todos nós que ele não pode proteger. Ele sabe o que Hugon fará conosco e se sente impotente para impedir.”

Então ela cambaleou até a mesa e caiu sobre o banco, cobrindo o rosto com as mãos. Ela desabou em lágrimas e soluços abafados.

Lázaro agora estava de pé sobre ela, sentindo-se completamente impotente. Virou-se e olhou para a porta, talvez na esperança de que seus gritos fossem ouvidos por outros que pudessem confortá-la. Mas a porta nunca se abriu para os lamentos da mulher. Cerrou os dentes e examinou as paredes, como se procurasse nelas as palavras certas para confortá-la — para aliviar sua dor e acalmar o coração acelerado. Era como se seus gritos brotassem de suas próprias dores reprimidas — como se ela chorasse por todos, inclusive por ele. E a cada novo acesso de tristeza dela, sentia como se uma faca cortasse cada vez mais fundo em seu peito, corroendo seu âmago. Dentro dele, as emoções fervilhavam; dor, raiva e tristeza pareciam borbulhar de um vaso profundo e rompido. Lázaro olhou para a mulher aflita, com o rosto entre as mãos. E a próxima lágrima, a que ele tanto buscava, não rolou por seu braço, mas por sua própria face. Mais as primeiras lágrimas escorreram. E parecia que, de repente, começava a chover em todos os lugares — até mesmo no Éden. Lázaro mordeu o lábio e chorou pela família morta da mulher, pois eles não podiam chorar por ela. Ele chorou por D'Alcicourt e seu povo, pois eles tinham pouca esperança de serem salvos de Hugon. E chorou por si mesmo, pois não estava pronto para se tornar mais do que seu pai e salvar centenas do Mal.

Dentro dele, as convicções se transformaram em angústia e raiva—”

Ele bateu com as mãos na mesa, assustando a mulher e fazendo-a calar-se.

“Mestre Lázaro, perdoe-me”, implorou a mulher, recompondo-se.

Lázaro enxugou o rosto às pressas e respirou fundo. "Cumprirei suas ordens. Se quiserem, eu os procurarei."

"Outra audiência com Lord D'Alcicourt."

“Ó, meu Deus, o Senhor vai nos salvar?” A mulher levantou-se abruptamente e atirou-se sobre Lázaro com tanta alegria que quase o derrubou.

Então ela o soltou e enxugou-lhe a bochecha. Com um largo sorriso, informou-lhe: "Vou buscar meu senhor agora mesmo! Ele deve estar furioso!" Fez menção de se afastar antes de segurar seu braço. "Oh!

Precisa de mais alguma coisa, Mestre Lázaro?"

No entanto, Lázaro não respondeu, nem sequer a cumprimentou. Ele encarava fixamente a porta rústica, absorto em silêncio.

A mulher seguiu o olhar dele até a porta. "Mestre Lázaro?" Ela se virou para ele novamente.

“O que vai?”

Lázaro desviou o olhar da entrada. "O que significam esses dois chifres?"

Ela olhou para trás, para a porta, procurando por algum vestígio de chifres. "Não há chifres ali, Mestre—"

O som estridente de uma trombeta distante ecoou pelos corredores inferiores do castelo e Lázaro apontou para a porta, acrescentando: "Agora, uma terceira, enquanto os homens gritam."

Ela cobriu a boca. A mulher simplesmente fitou Lázaro, derramando sua alma inteiramente através dos olhos; e ele viu seu terror como o horror de uma desgraça iminente. Ele a observou.

A tez pálida, da mesma tonalidade da sua antiga camisa — tão branca na aparência, talvez, como o efeito informe de um espectro. Ela estava ali, diante dele, aparentemente morrendo por dentro.

Apenas a cor dos seus olhos permaneceu inalterada, enquanto o branco deles escurecia para um tom carmesim e se enchia de lágrimas.

“O que acontece?”, perguntou ele.

E antes que ele pudesse acalmá-la, ela disparou em direção à porta e começou a bater nela. "Abra! Abra a porta!"

Ao se aproximar da mulher, Lázaro ouviu o som de guardas se movimentando apressadamente. "O que foi?"

"É o Hugon!" exclamou ela, chutando a porta. "Guardas, abram esta porta imediatamente !"

Lázaro juntou-se a ela, e sob o impacto de seu punho, a porta tremeu contra o batente.

A porta se abriu, revelando um grupo de soldados prontos para a batalha. Lázaro os reconheceu.

líder — um soldado gigante que tinha cabelo ruivo por todo o corpo.

“Louvado seja Deus”, suspirou a mulher pesadamente. Ela agarrou Lázaro. “Venha; depressa!”

Ela se inclinou em direção ao ouvido dele e sussurrou com ferocidade: “Com suas asas, você poderia descobrir uma maneira de escapar pela janela mais alta do castelo. Eu posso te levar até lá.”

O soldado ruivo avançou e se colocou entre eles. Afastou a mão da mulher de Lázaro, informando-a: “O homem voador fica; você vai”. Chamou dois guardas. “Acompanhem a mulher até a torre interna. Ela deve cuidar dos feridos.”

“Esperem! Não!” Ela protestou, lutando contra o aperto dos dois guardas. “Ele não pode ficar aqui—tirem as mãos de mim!” Eles a puxaram em direção à porta enquanto ela se debatia e gritava: “Ele concordou em matar Hugon! Deixem-no ir—me deixem em paz!”

O gigante vermelho conteve Lázaro, pressionando firmemente a mão contra o peito dele enquanto gritava por cima dos gritos da mulher: “Ele não pode ir desprotegido!” Ele bradou para os acompanhantes dela: “Afastem-se!” “Com ela!” Ele sacou um punhal em direção a Lázaro e resmungou: “Vá embora você também.” Lázaro recuou para o interior da sala enquanto o homem grande se dirigia para a entrada e latiu por cima do ombro: “Selaremos o homem voador aqui dentro e guardaremos esta porta.” Enquanto os gritos ecoantes da mulher se perdiam em meio a uma onda distante de gritos sobrepostos, Lázaro se encostou na mesa e observou o ruivo retirar seus soldados da sala. E antes que o homem fechasse completamente a porta, ele espiou pela estreita fresta. A abertura pergunta a Lázaro: “Você concordou em matar Hugon?”

Lázaro cerrou os dentes e assentiu com a cabeça.

Os olhos do homem se voltaram para as botas de Lázaro enquanto ele admitia: “Hugon se apresenta como um homem piedoso, mas testemunhamos sua carnificina. E você parece um demônio; mesmo assim, você mataria o carnicheiro por nós.” Ele balançou a cabeça. “Se os anjos de Deus estão conosco neste dia, espero que eles saibam, melhor do que ninguém, quem deve ser poupado.” Ele suspirou pesadamente e assentiu. “Se a decisão fosse minha, eu lhe daria minha espada e o mandaria embora.” Então deu de ombros. “Mas quem sou eu para capturá-lo ou libertá-lo por minha própria vontade? Minhas mãos estão atadas. Sou apenas o homem por trás da espada.” O soldado se retirou e selou Lázaro atrás da porta rústica, deixando Eljo a recordar o terrível destino de Naramsin — sepultado vivo e certamente condenado a perecer por quem ele era.

Lázaro cruzou os braços sobre a mesa e refletiu sobre seu grave sofrimento, enquanto também se perguntava qual seria a verdadeira causa e o meio de sua ressurreição. “Talvez”, concluiu, “o pobre homem em Cristo também tenha refletido sobre seu próprio lugar no mundo, naqueles seus últimos dias.”

Ele fitou a base de latão polido do candelabro, vendo ali o seu próprio reflexo.

Olhou para trás, para ele. Inclinou-se para mais perto do reflexo distorcido de si mesmo e examinou suas feições grotescas. Como espelhos mentirosos da lenda, a superfície brilhante apresentava uma nova representação dele, com todas as facetas de um homem incrivelmente bonito — nenhum vestígio de orelhas grandes, dentes de cachorro ou características familiares do Eljo que ele realmente era. “Olha para mim agora, pai”, disse Lázaro com um sorriso fraco, “fui recriado; à tua imagem”.

Ele deu uma risada seca, bateu com a mão na mesa e gritou em direção à porta e aos guardas:

"Estou *consertado* agora!" " Vejam só", exclamou sarcasticamente, apontando para o candelabro. "Sou como vocês; então podem me soltar — não sou mais um homem voador!"

Ele fingiu rir e aguardou uma resposta. Gotas de suor escorriam pelo seu rosto. No entanto, ele só ouvia as vozes e os sons dos soldados, preparando-se para a defesa. O sorriso falso de Lázaro desapareceu.

Um soldado gritou de fora: "Defendemos esta porta com as nossas vidas."

Lázaro respondeu à ordem do soldado , latindo: "Então segure -a — mas segure-a *abertamente!* " para que eu pudesse me libertar!"

O soldado pareceu ignorá-lo, talvez continuando com os preparativos para a batalha.

Lázaro queixou-se ao espelho mentiroso: "Eles querem me proteger negando-me os meios de me salvar?" Ele se afastou de seu reflexo distorcido e suspirou, enxugando as lágrimas. uma linha de suor em sua testa.

“*Trum-tum-tum*—“ O som de batidas lentas e constantes ecoou ao longe.

Era profundo e ressonante — o ruído poderia ter se assemelhado ao pulsar implacável e massivo do mundo inteiro, com suas reverberações contínuas ecoando por cada superfície de pedra da sala. Lázaro permanecia sentado como uma estátua, fitando as chamas rodopiantes do candelabro; seus ouvidos se aguçaram e, escutando gritos distantes, porém crescentes, de assassinato e caos — uma batalha parecia estar se travando, agora dentro do castelo. À medida que o ruído da morte se aproximava cada vez mais dele, de modo que os gritos antes indecifráveis dos homens se transformavam em palavras audíveis, em nomes distintos e em chamados às armas de homens determinados em guerra, Lázaro apenas podia sentar, ouvir, especular e questionar seu destino, sob o jugo de Hugon. "Pai", refletiu em voz alta, "desde o dia da sua morte — à parte de tudo

" Nem um tomo nem um manuscrito, a não ser um mapa-múndi gasto e rasgado — talvez eu tenha reunido, em tão pouco espaço, mais deste lugar perverso do que qualquer Abadia poderia realmente revelar." Ele se perdeu nas chamas. Uma lágrima escorreu por sua face.

~*~

Invariavelmente, os homens de Hugon subjogavam os guardas da porta de D'Alcicourt , substituindo-os por uma nova formação. Lázaro ouviu tudo — até mesmo as últimas palavras de um sincero...

oração, quando os arqueiros de Hugon derrubaram toda a formação onde estavam. Ele ouviu soldados feridos implorando aos homens de Hugon , antes que suas palavras se perdessem em um uivo ou Um gemido. Ele ouviu as vozes de comando, instruindo os homens a removerem os corpos e assumirem o controle da porta. Ouviu a apreensão nas conversas dos guardas recém-substituídos, quando cochichavam entre si sobre demônios voadores, monstros horrendos , a Grande Peste, maus presságios, revelações do Mal e outras profecias ouvidas por terceiros . De fato, Lázaro ouviu tudo — e já tinha ouvido o suficiente.

Ele encarou o candelabro. Uma a uma, as velas foram se apagando. E sob a luz do último pavio aceso, ele então avistou um reflexo grotesco e muito diferente de si mesmo. Nas novas curvas e ângulos da base de latão da luminária, e de um novo ângulo, ele viu um homem bestial, com orelhas compridas e um rosto alongado que lembrava o focinho protuberante e exageradamente proeminente de um cachorro. Cerrou os dentes, ignorou a imagem distorcida de si mesmo e voltou sua atenção para a direção da porta, onde ainda podia ouvir os guardas cochichando e comentando sobre ele em voz alta.

Ele se levantou da mesa, agarrou o candelabro e o arremessou contra a porta rústica; os cacos se espalharam pelo chão. “Eu não sou um demônio voador! Eu não sou um monstro! Eu sou—”

Recuperou o fôlego, avançou furioso e socou a porta, gritando: “Quem é o verdadeiro Monstro, senão o homem que mata o próprio irmão? E por quê? Para guardar a mesma porta que seu irmão guardava antes dele — e para me manter aqui, sendo que eu nunca matei? Não, vocês são os *Monstros!* Vocês são os *Demônios!* Vocês são a pestilência de *tudo* o que existe !”

Certo e bom! *Tu és a pestilência!*

Apenas alguns centímetros de madeira o separavam dos guardas; contudo, ele não ouviu resposta alguma — nem mesmo o som de passos ou respirações constantes. Virou-se e recompôs-se com um Suspiro pesado.

Uma profunda sensação de paz invadiu Lázaro; e ele, calmamente, contornou a mesa, dirigindo-se ao leito de palha e resmungando: "Talvez eu seja o que dizem". Caiu de joelhos sobre o colchão de palha e refletiu sobre o destino de Naramsin . "O mundo pertence a eles. Não há lugar para um voador—"

Lázaro prostrou-se de bruços e buscou apenas o seu mundo de sonhos, na esperança de jamais despertar e nunca mais encarar o pesadelo que conhecera como o mundo dos homens. Na verdade, ele ansiava por um lugar de escuridão e sombras profundas, onde até os dias fossem como a noite. Não desejava nada, exceto talvez algo semelhante a...

O Reino do Vazio, onde tudo é nada. Era aquele sótão abarrotado da Criação, onde todas as criaturas menos afortunadas e descartadas se reuniam; como a mosca esmagada, o peixe preso na rede, o cordeiro abatido e talvez até mesmo... monstros voadores.

[Fim do Capítulo 15]



Esta obra literária foi criada exclusivamente em homenagem a

Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~